

# Jornalismo do cidadão – quem és tu?

Frederico Correia\*

## Índice

1	Os antecedentes do jornalismo do cidadão . . . . .	2
1.1	Internet – evolução <i>Web 2.0</i> . . . . .	3
1.2	Os <i>blogs</i> : história e evolução até à actualidade . . . . .	5
2	O que é o jornalismo do cidadão? . . . . .	9
2.1	A participação do público nos media . . . . .	9
2.2	Definições de jornalismo do cidadão . . . . .	12
3	Jornalismo do cidadão: ameaças ou oportunidades para o Jornalismo? . . . . .	18
3.1	Oportunidades Vs. Ameaças . . . . .	18
3.2	Avaliação crítica . . . . .	25
4	As fronteiras do jornalismo: uma problemática para além do jornalismo do cidadão . . . . .	26
4.1	A formação dos jornalistas . . . . .	26
5	Conclusão . . . . .	31
6	Referências Bibliográficas . . . . .	31

---

\*Mestrando em Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. E-mail: fredpakito@sapo.pt

## **Resumo**

Há alguns anos atrás, começou-se a reflectir sobre as alterações introduzidas pela Internet na função do jornalista. Actualmente, também se abrem novas possibilidades ao cidadão na sua relação com os media. Assim, a análise das novas responsabilidades assumidas pelo cidadão no cenário mediático passa a ser fundamental para a sua compreensão. Neste sentido, pretendemos com esta investigação analisar criticamente as principais influências da Internet no papel do jornalista e do próprio cidadão.

Assim, esta reflexão iniciar-se-á com a exposição das alterações que proporcionaram o aparecimento do jornalismo do cidadão. Abordaremos também a participação que o público sempre teve nos meios de comunicação e quais os papéis que agora assume no processo de comunicação. Além disso, reflectiremos sobre a diversidade de definições e conceitos sobre o fenómeno em causa, bem como os argumentos e opiniões a favor e contra o jornalismo do cidadão. Concluiremos este trabalho com uma referência à formação dos jornalistas e sua influência na definição das fronteiras do jornalismo.

## **1 Os antecedentes do jornalismo do cidadão**

Actualmente, um “qualquer cidadão” arrisca-se, munido de todo o material necessário, a ser o primeiro a recolher informação, uma fotografia, declaração ou até mesmo um vídeo de um determinado acontecimento ocorrido em determinado local, hora e data. Mas transformará, tudo isto, um “qualquer cidadão” num jornalista?

A evolução tecnológica é a verdadeira causadora deste fenómeno. Anteriormente, um jornalista fazia-se acompanhar do seu equipamento básico. O jornalista de imprensa com um bloco de notas e caneta, o da rádio com microfone e gravador e o de televisão com câmara de vídeo. Hoje em dia, basta uma nova tecnologia de topo, como um telemóvel 3G, para fazer tudo isso. Para a divulgação dos factos presenciados basta, ao “qualquer cidadão”, o

acesso à Internet e a respectiva publicação, não necessitando para isso de muito conhecimento informático.

### 1.1 Internet – evolução Web 2.0

Esta possibilidade de um “qualquer cidadão” colocar uma informação ou conteúdo na Internet apenas existe com a *Web 2.0*. No entanto, correríamos um enorme risco se assumíssemos esta opinião como definitiva e segura pois, para alguns autores apelidados como cépticos, sem *Web 1.0* não existiria *Web 2.0*. De facto, estes garantem que a *Web 2.0* apenas usa características previamente existentes, agora evoluídas.

Mostraremos, por isso, os dois versos da questão, mas sempre com o objectivo central de evidenciar a possibilidade concedida pela *Web 2.0* de, através de um modo simples, prático e eficaz, colocar uma informação disponível para todos aqueles com acesso a esta tecnologia – Internet. O termo inovador para a Internet, *Web 2.0*, surge logo após o “*The Bursting of the bubble*” ou se preferirmos “*dot-com boom*”<sup>1</sup>, que reflectiu uma quebra das empresas instaladas no mercado *online*. A esta queda apenas sobreviveram algumas empresas e todas elas com características em comum.

Surge, então, o termo *Web 2.0* pela empresa *O’Reilly Media* em 2003, fundada por Tim O’Reilly, a quem se atribui a autoria do termo. Este, já depois de publicar no *site* oficial da sua empresa um texto intitulado *What is Web 2.0*, define de forma mais resumida que, para ele, a “Web 2.0 is the business revolution in the computer industry caused by the move to the internet as platform, and an attempt to understand the rules for success on that new platform. Chief among those rules is this: Build applications that harness network effects to get better the more people use them”. (O’REILLY, 2006)

<sup>1</sup> “*The Bursting of the bubble*” e “*dot-com boom*” são como muitos analistas, dos fenómenos da Internet, apelidam a quebra e encerramento de muitas empresas online em 2001. É mesmo classificado como o ponto de mudança na *Web* que originaria a emergência do termo *Web 2.0*.

Perante este conceito surgem vozes de oposição. Um dos mais acérrimos contestatários da *Web 2.0* é Alex Hubner, que num texto publicado em *Webinsider*, intitulado *Web 2.0 é uma revolução? Então me deixem criticar*, assume a seguinte opinião: “a *Web 2.0* não trouxe nada de novo em termos de tecnologia e de idéias e nem é uma mudança tão expressiva ou revolucionária como dizem (e vendem).” (HUBNER, 2007) O mesmo resume tudo à seguinte equação: a velha Internet mais e o aumento no número de usuário tem como resultado a *Web 2.0*. Hubner assume ainda que “as idéias e “regras” da *Web 2.0* já existiam. O que não existia era um número significativo de usuários e de banda para justificá-las e implementá-las”. (HUBNER, 2007)

Alex Hubner vai mais longe, dizendo que “os especialistas da *Web 2.0* estão para a internet como os criacionistas estão para a ciência. Por mais óbvio que seja o facto das coisas simplesmente evoluírem, natural e continuamente, prevalecendo o que funciona em detrimento do que não funciona (tal como Darwin teorizou), os especialistas da *Web 2.0* entendem que as coisas só existem depois de terem sido criadas, inventadas, nomeadas e, principalmente, propagandeadas”. (HUBNER, 2007)

Também em Portugal o cepticismo face ao novo conceito encontra eco. Jorge Morgado Fernandes, num Editorial do *Diário de Notícias*, intitulado *Os equívocos da admirável nova Web*, assume uma opinião que coloca algumas reticências quanto às potencialidades da nova *Web*: “Um dos equívocos mais perigosos dos tempos que correm é a associação implícita que está a ser feita entre o novo *boom* da Internet, a que se convencionou chamar *Web 2.0*, e a democracia, ou melhor, o aperfeiçoamento da democracia”. (FERNANDES, 2006) Fernandes ainda considera que a “tão exaltada *Web 2.0* é, de um ponto de vista meramente quantitativo, um amontoado de lixo. O facto de cada um se poder exprimir não quer dizer que tenha, necessariamente, algo de útil a dizer à comunidade. O YouTube é disso um excelente exemplo”. (FERNANDES, 2006)

Nestes debates de idéias, entre aquilo que uns aceitam como

mudança e outros aceitam como reformulação, há quem considere que tudo aquilo que é possível fazer com as mudanças na *Web* é medíocre. Assim, Andrew Keen afirma: “Milhões e milhões de macacos exuberantes (...) estão a criar uma infinita floresta digital de mediocridade”. (KEEN *cit.in* AUCHARD, 2007) Ainda segundo Keen: “Os Blogues (...) minaram o nosso sentido do que é verdadeiro e falso, do que é real ou imaginário. Hoje em dia, os miúdos já não sabem a diferença entre notícias credíveis de jornalistas profissionais e o que lêem em ZeNinguem.blogspot.com.” (KEEN *cit.in* AUCHARD, 2007)

Porém, não é menos correcto aceitar que, independentemente do nome utilizado, das causas ou origens deste novo fenómeno, a Internet veio possibilitar uma nova forma de comunicação, “de muitos para muitos”, que substitui a “de um para muitos”. Tudo isto vai ao encontro do que já perspectivava Francisco Cádima em 1999, ou seja, a informação não circula mais em termos monológicos ou através de um fluxo de pirâmide, mas sim em fluxos *network*, matriciais, cada vez mais interactivos. (CÁDIMA, 1999)

Se, antigamente, o poder de transmitir informação estava reservado apenas a um pequeno nicho de entendidos, actualmente, esta pertence a todos quantos tiverem disponibilidade e vontade de informar. Isto é, anteriormente apenas certos cidadãos tinham a possibilidade de gerar informação e transmitir notícias, mas contemporaneamente o mesmo não se verifica. A informação pertence a quem a encontra e pode ser transmitida por todos, necessitando, para tal, apenas de uma ligação à Internet.

## 1.2 Os *blogs*: história e evolução até à actualidade

Os *blogs* são considerados por muitos autores os principais responsáveis pela modificação da forma de comunicar e informar. Nasceram como uma espécie de diário *online*, mas aos poucos foram ganhando diferentes significados.

Tal como explica Luís Santos: “O ano de 2003 foi o ano da emancipação do weblog como protagonista autónomo de mais

uma das potenciais áreas de expansão (...). A mais popular ferramenta, *Blogger*, anunciou, logo em Janeiro, ter atingido o primeiro milhão de utilizadores e um estudo desenvolvido pela *Perseus*, estimava que até ao Verão de 2003 teriam sido criados 4,12 milhões de weblogs em todo o mundo, dos quais apenas 1,4 milhões poderiam ser entendidos como activos.” (SANTOS, 2004)

No início de 2007, o número de *blogs* rondava os 70 milhões e permanecia a tendência para este crescer. (FUMERO e ROCA, 2007: 35) Fica assim, desde já, provado o peso desta ferramenta virtual no ciberespaço. Talvez a facilidade com que os *blogs* e respectivos *bloggers* (utilizadores dos *blogs*) surgem tão explosiva e rapidamente seja justificada da seguinte forma: “Aliada à simples criação, que não necessita de nenhum conhecimento técnico, a facilidade de actualização e de publicação foi um dos factores que mais ajudou à popularização e vulgarização dos blogs”. (SIMÃO, 2006)

A definição de *blog*, por tudo isto, tornou-se o mais abrangente quanto se possa imaginar – tal como quase todos os conceitos recentes do ciberespaço. “La definición de blog (weblog o bitácora), que va desde el simple diario personal en Internet, hasta una herramienta de expresión, comunicación y socialización, que ha servido para tejer un complejo subespacio de comunicación en la Red que conocemos como blogosfera.” (FUMERO e ROCA, 2007: 36)

Há quem sugira que se deve dar à constituição do *blog* o poder para explicar qual a sua natureza. Tal como nos dizem Antonio Fumero e Fernando Sáez Vacas: “La naturaleza del blog deberá definirse a partir de la aplicación que se le dé en los diversos ámbitos a una tecnología que incorpora fundamentalmente una facilidad de uso de la Web inédita hasta el momento y que há generado (...) numerosos espacios de oportunidades que aun tardaremos en llenar con las correspondientes innovaciones.” (FUMERO e SÁEZ, 2006)

Ainda de acordo com estes dois autores, as definições podem ser as mais variadas possíveis, como se pode observar na figura 1.

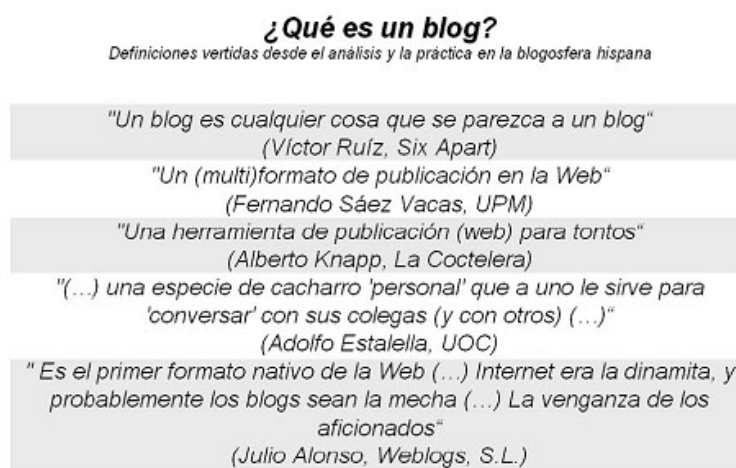


Figura 1 – Opiniões utilizadas por Fumero e Sáez, 2006

Com a possibilidade da livre publicação de pensamentos e informação, estamos perante a referida comunicação “de muitos para muitos”. Surge uma nova maneira de comunicar e informar. O receptor opta. O receptor selecciona. O receptor define quase tudo (se não mesmo tudo). Com a sua maneira de pensar, sua maneira característica de ver o mundo, ele tem a última palavra quanto ao tipo de informação que quer receber e quando a pretende receber. Assim, o receptor, pode assumir diversos papéis:

- ter uma postura passiva e ficar apenas com o papel de receptor no processo de comunicação;
- ser emissor, bastando, para tal, ter informação para transmitir;
- ser comentador;
- ser ruído no processo de comunicação bastando, para tal, “falar” sem ter nada para dizer – exemplo deste modo de participação na comunicação é o denominado *spam*.

Este fenómeno, o *spam*, tornou-se num dos “principais problemas da comunicação electrónica em geral: o envio em massa de mensagens não-solicitadas. Esse fenómeno ficou conhecido como *spamming*, as mensagens em si como *spam* e seus autores como *spammers*.” (WIKIPÉDIA, 2007) Este fenómeno criou uma vasta onda de protestos no ciberespaço. Actualmente, é comum combater este tipo de lixo informático que já é possível encontrar num qualquer *blog* como simples comentário.

No trabalho *A explosão dos weblogs em Portugal: percepções sobre os efeitos no jornalismo*, Luís Santos diz o seguinte sobre aquilo em que se tornaram os *blogs*. “Os weblogs tornaram-se espaços alternativos de comunicação, onde cada um pode ter a tal ‘voz’ que tantas vezes lhe foi prometida. Sendo certo que poderá existir, na participação efectiva na blogosfera, tanto de projecção do ego como de voyeurismo, parece-nos não menos verdade que, apesar disso, as tais ‘vozes’ estão lá, no mais dos casos abertas à discussão e em todos eles disponíveis para escrutínio.” (SANTOS, 2004)

Luís Santos fala-nos um pouco à imagem do que escreveu Tim Jarret: “the act of posting thoughts in a blog on the Internet (as opposed to in a private document) enables others to hear that voice. If the blogger’s words are heard, and others enter into dialog, the blogger has ceased to be a passive observer of the Internet and has instead become a creator of it”, no texto *Blogs providing voices*. (JARRET, 2003)

José Luis Orihuela, numa entrevista no *site PRNoticias*, responde da seguinte forma, à pergunta “o que é um *blog*?”: “es un sitio web cuya estructura consiste en entradas individuales llamadas historias, anotaciones o post, cada una de las cuales tiene asignada de forma automática por el sistema de edición una fecha de creación y una dirección url permanente. Estas entradas se disponen mediante cronología inversa y son autogestionadas. Es un medio personal en el que el no hay editores, ya que es el propio blogger quien lo gestiona. No existe mediación editorial”. (ORIHUELA *cit. in* PRNoticias, 2006)



Por tudo isto, a Internet permite encaixar na sua configuração todos os perfis de utilizadores, tornando-se o mais abrangente meio de comunicação, não apenas por todas as suas características, mas também pela componente inovadora capaz de proporcionar ao “qualquer cidadão” a oportunidade de interagir e deixar a posição passiva imposta pelos restantes meios de comunicação. Uma outra vantagem, também preponderante, é o carácter gratuito dos *blogs*, que tornam a proliferação em algo natural, inovador e sem custo.

## **2 O que é o jornalismo do cidadão?**

### **2.1 A participação do público nos media**

O rótulo de **Notícia** é colocado quase sempre por um profissional da comunicação, o **Jornalista**. Mas quais são os seus critérios de escolha do que é ou não notícia? Como se defendem os cidadãos do modo de informar?

De acordo com Estrela Serrano, “apesar do avanço dos estudos sobre os media e o jornalismo é, ainda, difícil definir, de uma maneira indiscutível, as bases em que assentam as decisões dos jornalistas sobre questões como, o que é, ou não, notícia, a escolha de um título em vez de outro, a procura de fontes adicionais umas vezes e outras não. De facto, apesar do avanço dos estudos sobre os media e o jornalismo é, ainda, difícil definir, de uma maneira indiscutível, as bases em que assentam as decisões dos jornalistas sobre questões como, o que é, ou não, notícia, a escolha de um título em vez de outro, a procura de fontes adicionais umas vezes e outras não.” (SERRANO, 2002)

Contudo, desde sempre o público procurou exprimir e expor o que para si seria importante revelar, dar a conhecer. Neste ponto, a Imprensa mostra-se como o meio onde são mais visíveis as acções dos receptores das mensagens, encontramos facilmente, e ainda na actualidade, as intituladas “Cartas do Leitor”. Mas quando se lê “Cartas do Leitor”, associa-se, por defeito contemporâneo,

àquilo que, todos os dias, vemos nos jornais diários, como avisos e alertas, críticas e desabafos sobre determinado assunto ou determinado acontecimento. Mas as “Cartas do Leitor”, durante o Regime do Estado Novo, quando a opressão era visível e clara, foram uma oportunidade para os opositores do regime exprimirem as suas ideias e opiniões, ou pelo menos tentarem porque, tal como afirma Fernando Paulouro, “era uma secção muito visada, porque o regime tinha a ideia de que era bom impedir que os críticos se reproduzissem”. (PAULOURO *cit.in* TEIXEIRA, 2007)

Assim, desde cedo, as “Cartas do Leitor” assumiram um papel preponderante na expressão de opiniões e alertas daquilo que os cidadãos consideravam importante para noticiar. Contemporaneamente, é quase impensável um jornal, uma revista semanal, ou qualquer outro meio impresso não dar um espaço, por mais pequeno que seja, para serem publicadas as opiniões dos seus leitores, o seu público. É comum, portanto, ter-se secções como, a título de exemplo, a newsmagazine *Sábado*, “Do Leitor”. Uma outra newsmagazine de periodicidade semanal, a *Visão*, reserva espaço a uma secção denominada “Correio de Leitor”. O jornal *Público* denomina a secção reservada à opinião dos leitores como “Espaço Público”, onde são colocadas as chamadas Cartas ao Director. No jornal nacional *Jornal de Notícias* a secção destinada aos leitores dá pelo nome de “Página do Leitor”.

Porém, pode estar este meio em vias de extinção? Pode ficar para trás o tempo em que o público ficava em desvantagem, pois apenas recebia informação e dificilmente a questionava?

Como temos vindo a falar, a Internet, praticamente, impede o papel passivo do leitor ou receptor, já que obriga-o a debater, refutar ou contradizer determinada informação, notícia ou declaração, não de um modo passivo e por vezes moroso, como o “Direito de Resposta” ou as “Cartas do Leitor”, mas de uma forma imediata. Tal como nos diz João Canavilhas, “a máxima “nós escrevemos, vocês lêem” pertence ao passado. Numa sociedade com acesso a múltiplas fontes de informação e com crescente espírito crítico, a possibilidade de interacção directa com o produtor de notícias ou

opiniões é um forte trunfo a explorar pelo webjornalismo. Num jornal tradicional, o leitor que discorda de uma determinada ideia veiculada pelo jornalista limita-se a enviar uma carta para o jornal e a aguardar a sua publicação numa edição seguinte, tendo habitualmente que invocar a Lei de Imprensa para o conseguir. Por vezes a carta só é publicada dias depois e perde completamente a actualidade. (...) No webjornal a relação pode ser imediata. A própria natureza do meio permite que o webleitor interaja no imediato.” (CANAVILHAS, 2001)

A opinião é unânime e clara quanto ao facto de que a Internet revolucionou o modo de se fazer imprensa. Na verdade, tal como defende Rodrigo Fino, *designer* argentino, “a mídia sempre foi o fiscal do poder, tendo a última palavra. Mas hoje, no caso do leitor de jornal, ele recebe muito mais informação do que antes, pela Internet, TV, celular e rádio. Agora, ele passou a se tornar fiscal da mídia, pois tem capacidade de distinguir qualidade, enfoques diferentes. O controle da informação está no cidadão. Isso mudou a relação da mídia com o leitor. Ao invés de "leitor", fica mais correto chamá-lo de "audiência". Pois o cidadão tem o poder de escolher, não só os veículos, mas agora também a plataforma: hoje é o jornal, amanhã ele muda para a Internet e, depois, para a TV.” (FINO *cit.in* Opovo, 2007)

Num Seminário Internacional de Jornalismo Online, realizado em São Paulo<sup>2</sup>, onde o tema principal seria a adaptação dos profissionais de comunicação à nova realidade digital, Rosental Calmon viria a sublinhar de forma clara o que acima expusemos, quanto à imposição da Internet no comportamento do receptor: “Neste novo sistema midiático, da era digital. O receptor também é emissor, com poder e controle sobre o conteúdo. O jornalismo está deixando de ser monopólio do jornalista. O jornalismo tem que descer de seu pedestal, pois não é mais feito de cima para baixo.” (CALMON *cit.in* MediaOn, 2007)

<sup>2</sup> MediaOn, 1º Seminário Internacional de Jornalismo *Online* realizado em São Paulo entre 12 e 14 de Junho de 2007, na sede do Itaú Cultural.

## 2.2 Definições de jornalismo do cidadão

Este ponto serve como ligação ao tema principal do nosso trabalho – o Jornalismo do Cidadão – através do aprofundar do conceito de *webjornalismo*.

Inicialmente, a utilização da Internet, por parte dos profissionais das rádios, televisões e jornais, para difundir informação subvalorizava as potencialidades deste novo meio em franca expansão e afirmação. Era apenas um colocar online tudo que estava impresso, falado ou documentado, sem mais recursos ou apoios multimédia, que hoje dinamizam e são praticamente indispensáveis ao *webjornalismo*.

Com a mudança e a captação da mensagem implícita nas potencialidades deste meio, fomos assistindo ao progresso. João Canavilhas introduziria desta forma o novo termo: “com o aparecimento da internet verificou-se uma rápida migração dos mass media existentes para o novo meio sem que, no entanto, se tenha verificado qualquer alteração na linguagem. O chamado "jornalismo online" não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalisimos escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio. Mas o jornalismo na web pode ser muito mais do que o actual jornalismo online. Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o webjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a Internet oferece, oferecendo um produto completamente novo: a webnotícia.” (...) “Afirmar-se que "a rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica" não é mais do que constatar que cada meio tem as suas próprias narrativas e linguagem. E a ser assim, a internet, por força de poder utilizar texto, som e imagem em movimento, terá também uma linguagem própria, baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios existentes.” (CANAVILHAS, 2001)

Por tudo isto, João Canavilhas introduz um novo conceito que substituirá o então emergente termo “jornalismo online”. Angèle Murad afirma que “o conceito de jornalismo encontra-se relacionado ao suporte técnico e ao meio que permite a difusão das no-

tícias. Daí derivam conceitos como jornalismo impresso, telejornalismo e radiojornalismo” (MURAD, 1999). Canavilhas lança o termo, que adoptaremos para este trabalho. “É, pois, com naturalidade que se introduz agora o conceito de webjornalismo e não de jornalismo online”, esclarece o mesmo autor (CANAVILHAS, 2001).

Tal como acontece com quase todos os conceitos recentes do ciberespaço, ainda não foi encontrada uma definição simples e concreta para *webjornalismo*. Mas já são aceites, unanimemente, determinadas características como pertencentes ao *webjornalismo*. Por exemplo, João Simão considera que “a actualização constante, a interacção com os leitores através de links e dos comentários bem como a possibilidade de poder enviar o texto por e-mail são alguns dos elementos do webjornalismo aceites por todos.” (SIMÃO, 2006)

Mas será possível confundir os conceitos *webjornalismo* e jornalismo do cidadão? O que há de comum entre os dois? Quais os seus protagonistas?

Voltando, mais uma vez, a repetir que os conceitos – que surgem com este novo, inovador e revolucionário meio de comunicação – estão em constante mutação e não encontraram ainda e, quanto a nós, jamais encontrarão um conceito definitivo e delimitado, não poderemos definir exactamente o que é o jornalismo do cidadão, que na sua forma original surge como *citizen journalism*.

Este fenómeno, apenas possível com o surgimento da Internet e principalmente com as alterações que, como já explicámos, tornaram possível a utilização de capacidades antes desconhecidas ou não existentes, é apelidado das mais diversas formas. No entanto, todas as denominações coincidem na base de que o cidadão, que pode ser ou não profissional de jornalismo, desempenha a função de transmitir e difundir informação. Algumas das expressões utilizadas são: *networked journalism*, *participatory journalism*, *open source journalism*, *we media*, *grassroots journalism* e *participatory media*. Teremos de dizer que algumas destas expressões não são pacificamente aceites como sinónimas, ou seja,

com o mesmo significado. São por vezes consideradas sucessoras e mais correctas que as anteriores, pelos seus respectivos defensores. Mais uma vez, abster-nos-emos de fazer juízos de valor entre os vários conceitos e apoiaremos o nosso trabalho nas definições mais bem concebidas.

O movimento original teve o seu início nos Estados Unidos com duas variantes, a *public* e *civic journalism*, que Alzira Abreu (ABREU, 2003) explica da seguinte forma: “O primeiro foi uma resposta à perda de leitores da imprensa escrita na concorrência com os canais de televisão, e também uma maneira de impedir o controle, cada vez maior, das máquinas partidárias sobre o debate político na mídia. Esse novo jornalismo pretendia impor uma nova agenda de opinião e se tornar o intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade. O *civic journalism* nasceu na década de 1970 por iniciativa de um industrial de petróleo, que decidiu financiar projetos de jornalismo tendentes a enaltecer os valores democráticos. Desenvolveu-se a partir dessa experiência, orientado para mobilizar, dar a palavra aos cidadãos comuns e aos responsáveis por associações e comunidades. Baseado na afirmação dos procedimentos democráticos, esse movimento, considerava o confronto de opiniões o motor das escolhas e da deliberação na comunidade e apresentava o jornalista como o animador dessa atividade. Esse movimento representava a democracia participativa, direta, que servia de referência nesse tipo de jornalismo”. (ABREU, 2003)

Um dos defensores da não igualdade dos termos é Jeff Jarvis que fundamenta, da seguinte forma, a utilização de *networked journalism*: “I carry some of the blame for pushing “citizens’ media” and “citizen journalism” as terms to describe the phenomenon we are witnessing in this new era of news. Many of us were never satisfied with the terms, and for good reason. They imply that the actor defines the act and that’s not true in a time when anyone can make journalism”. (JARVIS, 2007)

Jarvis argumenta ainda que “in networked journalism, the public can get involved in a story before it is reported, contributing

facts, questions, and suggestions. The journalists can rely on the public to help report the story; we'll see more and more of that, I trust. The journalists can and should link to other work on the same story, to source material, and perhaps blog posts from the sources. After the story is published — online, in print, wherever — the public can continue to contribute corrections, questions, facts, and perspective . . . not to mention promotion via links. I hope this becomes a self-fulfilling prophecy as journalists realize that they are less the manufacturers of news than the moderators of conversations that get to the news". (JARVIS, 2007)

Dan Gillmor é um dos principais protagonistas no pensamento e debate de ideias sobre estas novas possibilidades criadas pela Internet e, na introdução do seu livro *We The Media*, alerta para o seguinte: “news was being produced by regular people who had something to say and show, and not solely by the “official” news organizations that had traditionally decided how the first draft of history would look. This time, the first draft of history was being written, in part, by the former audience. It was possible—it was inevitable—because of new publishing tools available on the Internet”.

No livro *Assessing Public Journalism*, dos autores Edmund Lambeth, Philip Meyer e Esther Thorson, encontramos uma visão do que pode ser considerado como um jornalismo que procura os seguintes pontos:

- “listen systematically to the stories and ideas of citizens even while protecting its freedom to choose what to cover;
- examine alternative ways to frame stories on important community issues;
- choose frames that stand the best chance to stimulate citizen deliberation and build public understanding of issues;
- take the initiative to report on major public problems in a way that advances public knowledge of possible solutions and the values served by alternative courses of action;

- pay continuing and systematic attention to how well and how credibly it is communicating with the public.” (LAMBETH, MEYER e THORSON, 1998: 17)

Num outro livro intitulado *We Media: How Audiences are Shaping the Future of News and Information*, Shayne Bowman e Chris Willis definem jornalismo participativo da seguinte forma: “The act of a citizen, or group of citizens, playing an active role in the process of collecting, reporting, analyzing and disseminating news and information. The intent of this participation is to provide independent, reliable, accurate, wide-ranging and relevant information that a democracy requires”. (BOWMAN e WILLIS, 2003)

Catarina Moura caracteriza o *site Slashdot* como algo entre uma *webzine* e um fórum e considera que este constitui “o início da era do jornalismo *open source*, o que implica, desde logo, permitir que várias pessoas (que não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, dêem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objectividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de um qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção o público que os lê”. (MOURA, 2002)

Vejamos o que escreve Scott Knowles no seu *blog neXtknode*. “There are different types of journalism. The journalism that blogging brings to the table is a singular person, gonzo style. In the flesh, without hierarchical control. And to the point of several in the story, blogging is participatory journalism. I would even call it conversational journalism. Conversations do not hold the same characteristics as broadcast communication. I would argue that there is a mutual understanding between reader and writer in much the same way that our real world debates and converses.” (KNOWLES, 2003)

Num texto publicado online, intitulado como *What is Parti-*



*icipatory Journalism?*, J.D. Lasica divide aquilo que considera as categorias em que se divide o jornalismo participativo.

- “audience participation at mainstream news outlets (Discussion forums; Staff Weblogs; Articles written by readers; etc);
- independent news and information Web sites;
- full-fledged participatory news sites (citizen-reporters contribute a significant amount of material such OhmyNews);
- collaborative and contributory media sites (examples: Slashdot, Kuro5hin and Metafilter, wich mesh the interface of Weblogs and discussion boards, users contribute editorial content (some of which would be appropriate for a newspaper or magazine) as well as links to news stories and ratings;
- other kinds of "thin media";
- personal broadcasting sites (video broadcast sites such as Daytonabeach-live.com).” (LASICA, 2003)

Num jornal Sul Coreano, *OhmyNews*, o jornalismo do cidadão é explicado em poucas palavras, por Munish Nagar, num texto com o título *Citizen Journalism: A Great Platform*, da seguinte forma: “Citizen journalism has changed the outlook of the entire situation, where everyone, whether a beginner or an experienced journalist, can work and get published equally.”(NAGAR,2007)

Depois de explorados vários conceitos para o fenómeno jornalismo do cidadão, podemos concluir que existem igualdades com o *Webjornalismo*, mas teremos de admitir que também existem diferenças.

Será que ficámos, apesar das mais variadas opiniões, com um conceito definido sobre este fenómeno? Ou continuará para nós como algo que não sabemos definir, mas que quando encontramos sabemos o que é? Funcionará, então, este modelo como um

auxiliar do jornalismo e do profissional do jornalismo? Estarão dispostas as empresas de comunicação a aceitar um papel mais activo por parte dos leitores? Quais as disponibilidades existente? Mas existem apoios ou críticas a este fenómeno? Ou será que existem ambas as situações?

### **3 Jornalismo do cidadão: ameaças ou oportunidades para o Jornalismo?**

#### **3.1 Oportunidades Vs. Ameaças**

Como temos vindo a salientar, a mudança e, até mesmo, o assumir de diferentes papéis no modelo de comunicação tem levado a que as alterações surjam de forma rápida. Acompanham, assim, a evolução do mais recente meio de comunicação a Internet em constante mutação. Juntamente com o fenómeno jornalismo do cidadão, vão surgindo os cépticos e os confiantes e convictos defensores do fenómeno, um pouco à imagem do que acontece com a *Web 2.0*, que anteriormente expusemos.

Cada vez mais se multiplicam os órgãos de comunicação social que, aproveitando a sua versão online, vão alargando o seu conteúdo com os contributos dos leitores/cyber-utilizadores. São habituais as mensagens persuasivas que apelam à participação colectiva num determinado portal. Encontramos isso mesmo através de uma simples pesquisa sobre jornalismo do cidadão por um motor de busca ou então já dentro dos próprios *sites*.

Jay Rosen apela da seguinte forma à adesão do leitor ao *site Assignment Zero*, com um título no mínimo sugestivo: *Citizen Journalism wants you!* O autor começa por dizer: “Welcome to Assignment Zero. It’s pro-am journalism in the open style made possible by the web. This is a collaboration among NewAssignment.Net, Wired and those who choose to participate”.

Em *Globo.com* a mensagem é clara: todo o contributo será bem visto. No texto introdutório publicado no *site*, com o título *Agora você pode publicar sua notícia no G1*, a intenção é

clara: “Os leitores do **G1** agora têm um lugar cativo no portal. Está no ar, em versão de testes, a página de jornalismo colaborativo **VC no G1**. Agora você, internauta, vai poder colaborar com a cobertura dos principais fatos que acontecem no Brasil e no mundo escrevendo suas próprias notícias, enviando fotos e vídeos de acontecimentos que você presenciou em sua cidade”. Em *Estadão.com.br* o texto é ainda mais persuasivo. Este deixa claro que o colaborador até poderá ser ressarcido pela colaboração. “Se você tem um celular com máquina fotográfica embutida, ou vive com uma câmera digital a tiracolo, abra os olhos e fique esperto. A partir de agora suas fotos podem ser publicadas no Estadão, no Jornal da Tarde, no portal [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) ou vendidas pela Agência Estado para jornais e revistas de todo o planeta. E você pode até ganhar por isso, como se fosse um repórter fotográfico profissional.” Em Portugal o *site* da estação de televisão *SIC* também guarda um espaço para o seu “leitor” numa secção precisamente chamada “Jornalismo do Cidadão”.

Para a criação de um novo *site*, *OhmyNews*, o seu mentor, o jornalista Oh Yeon Ho, usou a expressão “every citizen is a reporter” e a verdade é que o *site* é, neste momento, uma referência internacional no que diz respeito ao jornalismo do cidadão e tem sido alvo de várias análises.

Mas será que se pode esperar jornalismo ou apenas fontes noticiosas? Qual a sua importância? Será possível fazer *webjornalismo* em blogs?

Em resposta à pergunta se é possível fazer *webjornalismo* num *blog*, João Simão responde que “possível é, no entanto dificilmente se praticará” mas será possível “porque os blogs oferecem duas das mais importantes necessidades do *webjornalismo*; a actualização constante, renovação de informação, e a interacção com os *webnautas*”. (SIMÃO, 2006) Para a mesma questão, Luís Santos diz-nos que teremos de ver a questão a partir de dois pontos: “Se pensarmos na vertente técnica, os *weblogs* parecem encaixar na perfeição com as exigências do tempo jornalístico presente, potenciam um espaço de sinergias multimédia

e corporizam um novo conceito de produção de texto apelativo e adaptável às exigências formais do jornalismo. Se olharmos para os aspectos de conteúdo, percebemos nos weblogs menos pontos de contacto com o jornalismo do presente, mas talvez uma eventual visualização do que se lhe pode vir a pedir: texto cuidado, ligação às fontes, formatação menos rígida, estilo mais próximo da ‘voz humana’, maior personalização e menor intermediação”. (SANTOS, 2004)

Jay Rosen, em 2004, defendia os *blogs* em relação ao jornalismo e jornalistas, num texto publicado no seu site, por entre um vasto rol de ideias que “blogging is not journalism, but whereas journalism is on the Web, blogging is deeply of it, and so bloggers are ahead of journalists in learning what the Web is for, and how its ecology works”. (ROSEN, 2004) Por sua vez, Rebecca Blood acaba por ser mais comedida na sua opinião expondo algo que tem tanto de essencial nesta questão como de importante, num texto publicado no seu *blog Rebecca’s Pocket*. “Participatory media and journalism are different, but online they exist in a shared media space. There are tremendous synergies possible between the two.” (BLOOD, 2004)

O Editor-chefe do *CNN.com*, Kurt Muller, numa entrevista ao *site Portal Imprensa* afirma contar com a colaboração dos cyberutilizadores. “Nós temos nossa equipe de reportagem e jornalismo, mas contamos também com o material enviado por nossos internautas.” Muller diz ainda que a “audiência Online quer estar envolvida no processo da notícia. Por meio dos blogs e dos comentários que os internautas fazem, nós damos a eles a chance de participar e recontar a história de outro ponto de vista. Acreditamos que nossos internautas terão uma visão dos fatos diferente da nossa e, como não somos os únicos a disponibilizar notícias na Internet, queremos facilitar a vida de nosso internauta para que ele encontre especificamente aquilo que é do seu interesse”, mostrando, desta forma, a necessidade de dar espaço de manobra ao leitor para também este ter um papel activo – inerente ao funcionamento da Internet. (MULLER *cit.in* DUARTE, 2007)

Jay Rosen é um dos mais conhecidos defensores do denominado jornalismo do cidadão, mas também um comedido pensador. Num texto publicado no seu site, *Bloggers vs. Journalists is Over*, ele é claro quanto ao que se deve pensar sobre o jornalismo participativo: “The question now isn’t whether blogs can be journalism. They can be, sometimes. It isn’t whether bloggers “are” journalists. They apparently are, sometimes. We have to ask different questions now because events have moved the story forward. By “events” I mean things on the surface we can see, like the tsunami story, and things underneath that we have yet to discern.” (ROSEN, 2005)

O texto de Rosen em que o autor defende o fim da “guerra” entre *bloggers* e jornalistas poderia servir de mote para a entrevista concedida por António Granado em *JornalismoPortoNet*, durante a qual refere que “os post são sobretudo apontadores para leituras e não jornalismo. O jornalismo é uma coisa um bocadinho diferente: é utilizar as técnicas jornalísticas para fazer uma notícia – confirmar a informação, haver uma investigação própria, um trabalho próprio. Eu limito-me a apontar para outros órgãos de comunicação social, isto não é fazer jornalismo. Quanto muito, faço análise, mas não jornalismo. Em Portugal, não conheço nenhum blog que faça jornalismo. De vez em quando, há um outro blog que dá notícias em primeira-mão”. (GRANADO *cit.in* COELHO e PALHARES, 2005)

Também de acordo com o anterior pensamento estará José Luis Orihuela, que afirma: “los blogs no son periodismo, ni nuevo ni viejo; no hay, en la inmensa mayoría de los blogs, la más mínima intención por hacer periodismo ni los bloggers son considerados como periodistas. Lo que tienen los blogs es, por una parte, un impacto sobre la esfera de la comunicación pública, ya que son cauces para hacer periodismo. En estos cauces figuran periodistas en plantillas de diferentes medios de comunicación escribiendo en blogs oficiales de estos medios o blogs personales. Aún así, un periodista puede tener su propio blog, pero no le da la condición de periodista el hecho de trabajar en este formato,

sino una formación específica”. (ORIHUELA *cit. in* PRNoticias, 2006)

Neil Henry declara: “In the age of "new" media, this rollback in "old" media may be among the most drastic in recent memory, but it is nothing new to the public. Indeed, across the country newspapers have suffered enormous financial losses over the past decade, with far fewer professionals today covering the news locally, nationally and internationally as a result of the industry's contraction.” (...) “When journalists' jobs are eliminated, especially as many as The Chronicle intends, the product is inevitably less than it was. The fact is there will be nothing on YouTube, or in the blogosphere, or anywhere else on the Web to effectively replace the valuable work of those professionals.” (HENRY, 2007)

Existem alguns autores que poderíamos denominar de *anti-citizen journalism*. Vejamos o que escreveu Chris Carroll acerca disto: “for Gillmor epigone and imitators (not for Gillmor himself), there was a new hero, the citizen journalist, struggling against a bad guy called the traditional journalist. In fact a very bad guy this old journo: outdated, working for a mainstream media – disgusting, isn't it? -, linked to corporate interests, limited by the newsroom horizon, not very well connected (nor well educated) and with no knowledge of what can interest average people! Moreover, truth and accuracy were no longer his cup of tea”, em oposição Carroll descreve, assim, os praticantes do jornalismo do cidadão: “On the contrary, the citizen journalist had so many qualities: as a newcomer, he was young, fresh, innocent, independent, with a lot of new ideas on journalism and democracy and on top of that a real love of truth”. (CARROLL, 2006)

No seu texto, intitulado *From citizen journalism myth to citizen journalism realities*, o autor diz-nos ainda que este perfil ideal de cidadão-jornalista apenas existe para alguns blogger's e inúmera depois aquilo que considera uma realidade diferente onde surgiram quatro categorias de jornalismo do cidadão, mas com “few links between them”:

- “the citizen journalist who owns a digital camera or a camera phone and sends shootings to a news organisation during a major event (tsunami, London bombing. . . ) or a local car accident;
- the citizen journalist who wants to cover its local or virtual community and produce targeted content;
- the citizen journalist who is a militant and campaigns for political reasons. How Eason Jordan was fired from CNN by infuriated bloggers in January 2005, was a good example of biased citizen journalism;
- the citizen journalist who is eager to participate to a “conversation” with professional journalists and bloggers. “News is just the beginning” says Jeff Jarvis and, in some cases, it is true.”

Concluindo o seu raciocínio, “no doubt something new has appeared in the last two years and that traditional newsrooms will have to deal with these new citizen journalists. But the idea that there is an essence of citizen journalism – as replacing the so-called traditional journalism – is dead”. (CARROLL, 2006)

Na segunda edição do programa *Cronicamente Viável*<sup>3</sup>, a jornalista e directora de conteúdo do site *UOL*, Márion Strecker, deixou clara a sua opinião: “Não é o fato de todo mundo ter acesso a ferramentas de publicação, num ambiente internacional como a Internet, que vai transformar todo ser humano em jornalista. Parece-me um pouco desagradável quando portais dão primeira página só para dizer que estão aceitando o conteúdo do público e que são democráticos. Enchem a bochecha para falar esta palavra: democracia. E publicam com quatro dias de atraso uma notícia velha e pior escrita, que já tinha sido publicada com muito

<sup>3</sup> Decorreu no mês de Abril de 2007 em São Paulo, foi a segunda edição do programa *Cronicamente Viável*, que este ano tem como tema *A Informação e a Imaginação na Internet*.

mais precisão dias atrás por um veículo profissional.” (STRECKER *cit.in* UOL, 2007)

Englobaríamos neste ponto a opinião de Nicholas Lemann, um olhar crítico sobre o jornalismo do cidadão, num artigo que merece uma leitura cuidada e que em análise colocamos os seguintes excertos. O título é claro, *Amateur Hour - Journalism without journalists*, no qual refere que: “citizen journalists are supposedly inspired amateurs who find out what’s going on in the places where they live and work, and who bring us a fuller, richer picture of the world than we get from familiar news organizations, while sparing us the pomposity and preening that journalists often display”. Depois coloca uma pergunta, que define como difícil. “What has citizen journalism actually brought us? It’s a difficult question, in part because many of the truest believers are very good at making life unpleasant for doubters, through relentless sneering. Thus far, no “traditional journalist” has been silly enough to own up to and defend the idea of belonging to an élite from which ordinary citizens are barred.” (LEMANN, 2006) Acrescenta ainda: “In fact, what the prophets of Internet journalism believe themselves to be fighting against—journalism in the hands of an enthroned few, who speak in a voice of phony, unearned authority to the passive masses—is, as a historical phenomenon, mainly a straw man”.(Idem)

Lemann continuaria com “the most fervent believers in the transforming potential of Internet journalism are operating not only on faith in its achievements, even if they lie mainly in the future, but on a certainty that the old media, in selecting what to publish and broadcast, make horrible and, even worse, ignobly motivated mistakes. They are politically biased, or they are ignoring or suppressing important stories, or they are out of touch with ordinary people’s concerns, or they are merely passive transmitters of official utterances. The more that traditional journalism appears to be an old-fashioned captive press, the more providential the Internet looks”. (Ibidem)

Nicholas Lemann termina com o seguinte parágrafo: “jour-



nalism is not in a period of maximal self-confidence right now, and the Internet's cheerleaders are practically laboratory specimens of maximal self-confidence. They have got the rhetorical upper hand; traditional journalists answering their challenges often sound either clueless or cowed and apologetic. As of now, though, there is not much relation between claims for the possibilities inherent in journalist-free journalism and what the people engaged in that pursuit are actually producing. As journalism moves to the Internet, the main project ought to be moving reporters there, not stripping them away." (LEMANN, 2006)

Às questões anteriormente levantadas poderemos juntar uma outra: quem são os responsáveis pelos textos publicados? Mas quem manda, se não há responsáveis, se não há uma hierarquia? Para Rodrigo Galiza e Miguelli Simioni, a responsabilidade deve ser dividida: "Encontrar um culpado no caso de irresponsabilidade no jornalismo cidadão parece ser um impasse. Ao mesmo tempo que o "cidadão jornalista" é o autor do erro, o meio de comunicação possui responsabilidades quanto ao material publicado." (GALIZA e SIMIONI, 2007)

Joan Connell, produtor executivo da *MSNBC.com*, num texto, já acima enunciado, de JD Lasica defende: "I would submit that (the newsroom) editing function really is the factor that makes it journalism", mostrando a necessidade, em sua opinião, de um editor entre os autores e os leitores. (CONNELL *cit.in* AUSC ANNENBERG, 2003)

### **3.2 Avaliação crítica**

Tentamos expor todas as opiniões acerca deste tema, mais ou menos convictas, mais ou menos acérrimas, mais ou menos aceitáveis. Por um lado existe quem noticie sem ser jornalista, mas dará isso direito ao desígnio de jornalista? Ou será que deveremos aceitar apenas como um cidadão "habilitado", que fundamentará a notícia assinada por um profissional, através de decla-

rações ou fornecimento de complementos de notícia (fotografias, vídeos, etc.)?

Será possível imaginar que um dia serão somente “jornalistas do cidadão” a informar-nos? Olharíamos para a notícia e classificávamo-la como verdadeira e credível, negável e mentirosa ou um misto de tudo isto?

Tal como dissemos anteriormente, o jornalismo do cidadão continuará como mais um conceito que sabemos da sua existência (isto, de facto, inegável), reconhecemos e distinguimos a sua presença ou ausência, mas não podemos arriscar uma definição, sem esperar um reparo ou mesmo uma oposição à nossa arriscada definição – característica esta comum a qualquer fenómeno da Internet.

## **4 As fronteiras do jornalismo: uma problemática para além do jornalismo do cidadão**

### **4.1 A formação dos jornalistas**

Mas se até agora se ouviu falar, ao longo deste trabalho, em jornalismo do cidadão como não aceite por alguns, pois não tem creditação académica e capacidade creditada para tal função, o que acontece em Portugal com muitos jornalistas?

A Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro, que aprova o Estatuto do Jornalista e, no Artigo 1º do Capítulo I, *Definição de jornalista*, o Jornalista é definido como sendo “aquele que, como ocupação principal, permanente e remunerada, exerce funções de pesquisa, recolha, selecção e tratamentos de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados à divulgação informativa pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por outra forma de difusão electrónica”. O ponto dois do mesmo artigo refere-se que não constitui actividade jornalística, “o exercício de funções referidas no número anterior, quando desempenhadas ao serviço de publicações de natureza predominantemente promocional, ou cujo objectivo específico consista em

divulgar, publicar ou, por qualquer forma, dar a conhecer instituições, empresas, produtos ou serviços, segundo critérios de oportunidade comercial ou industrial”.

Ainda no mesmo capítulo da mesma lei, no Artigo 5º, *Acesso à profissão*, é estipulado o seguinte com o ponto 1: “A profissão de jornalista inicia-se com um estágio obrigatório, a concluir com aproveitamento, com duração de 24 meses, sendo reduzido a 18 meses em caso de habilitação com curso superior, ou a 12 meses em caso de licenciatura na área da comunicação social ou de habilitação em curso equivalente, reconhecido pela Comissão da Carteira de Jornalista”.

Mas o que haverá em comum entre estes estagiários e um qualquer *blogger* que considere estar a fazer jornalismo? Certo é que, em alguns *blogs*, existe um responsável assumido, mas poderão estes vir a avaliar um estagiário respeitando o ponto dois do Artigo 5º: “o regime do estágio, incluindo o acompanhamento do estagiário e a respectiva avaliação, será regulado por portaria conjunta dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do emprego e da comunicação social”? Sim e não? E porque sim e porque não?

Falemos então na formação dos jornalistas. Em Portugal é conhecida a existência de vários profissionais com Carteira Profissional do Jornalista, sem qualquer habilitação académica superior.

Para podermos ter uma ideia mais concreta, apresentamos alguns dados referentes a um estudo realizado por dois investigadores, Salomé Pinto da Silva e Jorge Marinho, publicado no *site Observatório de Imprensa*, num artigo com o título *Inquérito aos licenciados em Jornalismo*<sup>4</sup>. “A maior parte dos jornalistas dos

---

<sup>4</sup> O projecto de investigação *Integração Profissional dos Licenciados em Jornalismo e Ciências da Comunicação – a Situação do Porto* foi desenvolvido por Salomé Pinto da Silva e Jorge Marinho entre 2005 e 2007, e procura “caracterizar os jornalistas licenciados em Jornalismo, Ciências da Comunicação (CC) ou Comunicação Social (CS) e os chefes de redacção dos mass media do Grande Porto / Portugal”. Pode ser consultado em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=431DAC004> (consultado entre 20 e 27 de Junho de 2007).

órgãos de informação do Grande Porto / Portugal não possui um Curso Superior e só 35,49 por cento têm uma Licenciatura em Jornalismo, Ciências da Comunicação ou Comunicação Social. Entre estes licenciados, 52,71 por cento entendem que seria útil a criação de uma associação para defender os seus interesses profissionais. Apresentamos alguns dos resultados de um inquérito realizado em 2006, no âmbito de um projecto de investigação do Centro de Estudos das Tecnologias, Artes e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto / Portugal”. (MARINHO e SILVA, 2007)

No artigo *O Ensino do Jornalismo visto pelos Jornalistas*, João Correia diz o seguinte: “de uma forma simplista, podemos pensar de que um lado estão os defensores da boa "tarimba", que acreditam que o talento jornalístico não pode ser ensinado nas academias já que a prática e a experiência, mãe de todos os saberes, fornecerão os elementos essenciais aos profissionais para exercerem o seu mester com arte e sabedoria. Do outro, surgem os teóricos que afirmam que sem uma cuidada preparação ética, deontológica, filosófica, sociológica, cultural e técnica, o jornalista não está preparado para exercer a sua profissão. A preto e branco, as posições poderiam resumir-se a estas duas”. (CORREIRA, 1998)

Neste sentido colocamos dois pontos de vista divergentes, de duas profissionais, entrevistadas no âmbito da realização deste projecto. Entrevista que poderá ser lida na íntegra em anexo a este trabalho.

A primeira opinião é de uma Jornalista de 29 anos com Carteira Profissional “há mais de seis anos” mas sem licenciatura. Esta diz-nos, acerca da “existência de Jornalistas com Carteira Profissional do Jornalista, sem qualquer licenciatura ou com uma licenciatura não englobada na área da Comunicação Social, como refere o Artg 5º Capitulo II da LEI N.º 1/99, DE 13 DE JANEIRO”, o seguinte: “Não creio que seja essencial para o exercício da profissão, até porque a maioria dos cursos de jornalismo existentes no país são de base teórica, em que a maioria das ca-

deiras servem apenas para fornecer ao aluno algum background a nível de cultura geral, conhecimentos que poderão ser adquiridos facilmente por um qualquer autodidacta”.

No sentido oposto está a opinião de uma outra profissional, formada em Jornalismo e Comunicação pelo Instituto Politécnico de Portalegre e que possui Carteira Profissional do Jornalista há cinco anos. “Se não há, por exemplo, professores, polícias e advogados não habilitados para o efeito, também o título de jornalista, mais exactamente a carteira profissional, deveria ser limitado àqueles que se prepararam previamente para assumir essa função, tomando conhecimento dos seus deveres e direitos e principalmente da legislação que regula a nossa actividade. Na minha opinião a Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas deveria ponderar com mais cuidado a atribuição desse título.”

Nelson Traquina diz, no seu livro *A Tribo Jornalística uma Comunidade Transnacional*, que para Ruellan “o jornalismo é uma profissão *flo*, no sentido em que os jornalistas foram incapazes de delimitar o seu “território” de trabalho de uma forma igual aos médicos e aos advogados”. Ainda de acordo com Ruellan “a carteira profissional serve um “mito” fortemente ancorado no espírito do público e mesmo dos jornalistas: a existência de uma estrutura fiável que garante a qualidade e a integridade dos jornalistas, porque faz crer na existência de uma barreira que garante a qualidade mas que não existe na prática”. (RUELLAN *cit.in* TRAQUINA)

Na opinião da nossa primeira entrevistada (com Carteira Profissional mas sem curso), “as cadeiras mais práticas ensinam técnicas facilmente apreendidas em algumas semanas de prática efectiva em qualquer órgão de comunicação”. Ao nível da escrita, “é óbvio que o jornalista tem que ter boas bases de português para escrever bem, mas não é apenas no curso de jornalismo que se aprende português”. Mas um suplemento à experiência (Estudo) não será mais vantajoso? Afinal, é possível dispor de um estatuto denominado “trabalhador estudante”.

Nelson Traquina entrevistado por Mozahir Salomão, no *site*

*Observatório de Imprensa*, questionou com irónica: “Por que os estudos teóricos contribuem pouco para melhorar o jornalismo?” E responde de forma ríspida: “Deve ser porque os jornalistas lêem pouco sobre eles”. E continua alertando que “o jornalismo está cada vez sendo mais criticado precisamente pelo papel importante que tem – e isso, por si só, já denota a necessidade de competências específicas para que o profissional possa corresponder às exigências”.(TRAQUINA *cit.in* SALOMÃO)

Uma terceira entrevistada para a realização deste trabalho é licenciada em Comunicação e Relações Públicas e diz que gostaria de ser Jornalista, mas “não há vagas”.

Esta nossa entrevistada não poupou críticas à Comissão da Carteira Profissional de Jornalista. “Não faz muito tempo, em que uma pessoa, independentemente da sua formação académica, poderia solicitar a carteira profissional, escrevendo ‘qualquer coisa para um jornal’. Acho que a Comissão Nacional da Carteira Profissional deveria ser mais rigorosa e criteriosa na atribuição do título de jornalista.”

A nossa segunda entrevistada (com Carteira Profissional e curso) vai mais longe e alerta para o seguinte: “os poucos direitos e benefícios que advêm da utilização da carteira profissional devem ser atribuídos a quem realmente tem consciência clara dos seus limites sob pena de estarmos a impulsionar cada vez mais o sensacionalismo e até uma espécie de jornalismo leviano, uma situação que se afigura de grande gravidade tendo em conta o poder dos órgãos de comunicação social na opinião pública e na sociedade em geral”.

Será mesmo fundamental esta reflexão? Com a situação actual, o jornalismo está bem ou deveria sofrer alterações? Que tipo de alterações? Continuarão a existir dois grupos de defensores de ideias diferentes? Qual será mais forte? A Selecção Natural, que Darwin enunciou, talvez se encaixe neste quadro e se encarregue de definir o mesmo!

## **5 Conclusão**

Creemos que, quanto à existência de um fenómeno, independentemente do termo empregue na sua denominação, jornalismo do cidadão, *citizen journalism*, *participatory journalism* ou *open source journalism*, estamos em total acordo.

Quanto à causa, ou melhor, o impulsionador do mesmo, teremos de enunciar, como principal, a possibilidade de assumir, por parte de um “qualquer cidadão”, um papel diferente daquele que, até há bem pouco tempo, era conhecido pelo receptor no processo de comunicação.

Teremos de deixar a definição de jornalismo de cidadão como algo não incógnito, mas de definição muito abrangente, tal como todos os restantes conceitos (referidos ou não neste trabalho), que surgiram com esta nova tecnologia – Internet. De igual modo, todos eles serão facilmente reconhecidos e identificados. Sobre estes conceitos, alguns autores apontarão definições, outros contestarão, refutarão ou completarão, mas todos reconhecem a sua presença.

Jornalismo do cidadão: é fundamental ou não? Preferimos dizer que é inevitável e que se poderá sempre tornar útil. Quanto a se este tomará controle sobre o Jornalismo, somos peremptórios em dizer que não. Será impossível, apesar de alguns erros cometidos por algum jornalismo contemporâneo. Acreditamos que jamais inspirará confiança do leitor um jornalismo do cidadão onde o carisma de rigor e isenção ainda não estão vincados e determinados.

## **6 Referências Bibliográficas**

ABREU, Alzira A. (2003) – *Jornalismo Cidadão*. Estudos Históricos, Mídia. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/339.pdf> (consultado entre 16 e 27 de Junho de 2007)

AUCHARD, Eric (2007) - *A Web 2.0 está a destruir a nossa cultura... pelo menos é isso que diz o britânico Andrew Keen*,

*num livro controverso que incendiou a blogosfera.* Jornal Público de 16 de Junho de 2007.

- BLOOD, Rebecca (2004) - *A Few Thoughts on Journalism and What Can Weblogs Do About It.* Rebecca's Pocket. Disponível em: [http://www.rebeccablood.net/essays/what\\_is\\_journalism.html#content](http://www.rebeccablood.net/essays/what_is_journalism.html#content) (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)
- BOWMAN, Shayne, WILLIS, Chris (2003) - *We Media: How Audiences are Shaping the Future of News and Information.* Disponível em: [http://www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf) (consultado entre 15 de Junho e 3 de Julho de 2007)
- BRAMBILLA, Ana (2005) - *Jornalismo open source em busca de credibilidade.* Disponível em: [http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/Ana\\_4.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/Ana_4.pdf) (consultado entre 16 e 18 de Junho de 2007)
- CÁDIMA, Francisco Rui (1999) – *Desafios dos Novos Media.* Lisboa: Editorial Notícias.
- CAMPOS, L, CHAVES, R, LUÍS, R e TÚLIO, D. (2007) - *Jornalismo inquieto.* O POVO. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/opovo/paginasazuis/696729.html> (consultado entre 22 e 30 de Junho de 2007)
- CANAVILHAS, João (2001) – *WEBJORNALISMO - Considerações gerais sobre jornalismo na web.* Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> (consultado entre 22 e 28 de Junho de 2007)
- CANAVILHAS, João (2004) – *Os Jornalistas Portugueses e a Internet.* Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf> (consultado entre 18 e 23 de Junho de 2007)



- CANAVILHAS, João (2005) – *Os jornalistas online em Portugal*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf> (consultado entre 18 e 23 de Junho de 2007)
- CARROLL, Chris (2006) - *From citizen journalism myth to citizen journalism realities*. Reinventing College Media. Disponível em: <http://reinventing.collegemedia.org/index.php?id=57> (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)
- COELHO, Ana Sofia, PALHARES, Tatiana (2005) – *Entrevista a António Granado – “Não conheço nenhum weblog em Portugal que faça jornalismo*. Jornalismo PortoNet. Disponível em: [http://jpn.icicom.up.pt/2005/02/25/nao\\_conheco\\_nenhum\\_weblog\\_em\\_portugal\\_que\\_faca\\_jornalismo\\_antonio\\_granado.html](http://jpn.icicom.up.pt/2005/02/25/nao_conheco_nenhum_weblog_em_portugal_que_faca_jornalismo_antonio_granado.html) (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)
- CORREIA, João C. (1998) - *O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-ensino-jornalismo.pdf> (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)
- DUARTE, Nathália (2007) – *Entrevista a Kurt Muller – “O que estamos fazendo é melhorar a experiência do público quando procura por notícias na Internet”*. Portal Imprensa. Disponível em: [http://portalimprensa.uol.com.br/new\\_ultimasnoticias\\_data\\_view.asp?code=5553](http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=5553) (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)
- FERNANDES, Jorge M. (2006) - *Os equívocos da admirável nova Web*. Diário de Notícias. Disponível em: [http://dn.sapo.pt/2006/12/30/editorial/os\\_equivocos\\_admiravel\\_nova\\_web.html](http://dn.sapo.pt/2006/12/30/editorial/os_equivocos_admiravel_nova_web.html) (consultado entre 10 e 22 de Junho de 2007)
- FUMERO, António, ROCA, Genís (2007) – *Web 2.0*. Madrid: Fundación Orange.

- FUMERO, A e VACAS, Fernando S. (2006) - *Blogs: en la vanguardia de la nueva generación web*. Novática. Disponível em: <http://www.ati.es/novatica/2006/183/183-68.pdf> (consultado entre 18 e 28 de Junho de 2007)
- GILLMOR, Dan (2004) – *We The Media*. O'REILLY Media. Disponível em: <http://www.oreilly.com/catalog/wemedia/book/index.csp> (consultado entre 23 de Junho e 3 de Julho de 2007)
- HENRY, Neil (2007) - *The decline of news*. SFGate.com. Disponível em: <http://sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?file=/chronicle/archive/2007/05/29/EDGFKQ20N61.DTL> (consultado entre 25 e 30 de Junho de 2007)
- HUBNER, Alex (2007) – *Web 2.0 é uma revolução? Então me deixem criticar*. Webinsider. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/01/18/web-20-e-uma-revolucao-entao-me-deixem-criticar/> (consultado entre 10 e 22 de Junho de 2007)
- JARRET, Tim (2003) - *Quicksilver: Fleshing out history*. Jarrett House North. Disponível em: [http://discuss.jarretthousenorth.com/2003/10/10?print-friendly=true%20\(02.11.2003\)](http://discuss.jarretthousenorth.com/2003/10/10?print-friendly=true%20(02.11.2003)) (consultado entre 25 e 29 de Junho de 2007)
- JARVIS, Jeff (2006) - *Networked journalism*. Buzz Machine. Disponível em: <http://www.buzzmachine.com/2006/07/05/networked-journalism/> (consultado entre 16 e 27 de Junho de 2007)
- KNOWLES, Scott (2003) - *Blogging The Newshour*. neXtknode. Disponível em: [http://websense.blogspot.com/2003\\_04\\_01\\_websense\\_archive.html#200213042](http://websense.blogspot.com/2003_04_01_websense_archive.html#200213042) (consultado entre 22 e 27 de Junho de 2007)

- LAMBETH, Edmund, MEYER, Philip, THORSON, Esther (orgs.) (1998) – *Assessing Public Journalism*. Columbia: University of Missouri Press.
- LASICA, J.D. (2003) – *What is Participatory Journalism?*. A USC Annenberg. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1060217106.php> (consultado entre 28 de Junho e 3 de Julho de 2007)
- LEMANN, Nicholas (2006) - *Amateur Hour: Journalism without journalists*. The New Yorker. Disponível em: [http://www.newyorker.com/archive/2006/08/07/060807fa\\_fact1?currentPage=1](http://www.newyorker.com/archive/2006/08/07/060807fa_fact1?currentPage=1) (consultado entre 26 de Junho e 3 de Julho de 2007)
- MARINHO, J., SILVA, S. (2007) – *Inquérito aos licenciados em Jornalismo*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=431DAC004> (consultado entre 24 e 29 de Junho de 2007)
- MEDIAON (2007) – *Convidados debatem sobre a formação do jornalista*. Disponível em: <http://mediaon.terra.com.br/medi-aon/?p=27> (consultado entre 22 e 29 de Junho de 2007)
- MOURA, Catarina (2002) – *O JORNALISMO NA ERA SLASH-DOT*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html) (consultado entre 16 e 18 de Junho de 2007)
- MURRAD, Angèle (1999) – *Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet*. Ciberlegenda. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/angele1.htm> (consultado entre 18 e 28 de Junho de 2007)
- NAGAR, Munich (2007) - *Citizen Journalism: A Great Platform*. Oh My News. Disponível em: [http://english.ohmynews.com/articleview/article\\_view.asp?at\\_code=416328&no=366655](http://english.ohmynews.com/articleview/article_view.asp?at_code=416328&no=366655)

&rel\_no=1 (consultado entre 23 de Junho e 1 de Julho de 2007)

O'REILLY, Tim (2005) – *What is Web 2.0*. O'REILLY. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> (consultado entre 1 e 15 de Junho de 2007)

O'REILLY, Tim (2006) - *Web 2.0 Compact Definition: Trying Again*. O'REILLY'raddar. Disponível em: [http://radar.oreilly.com/archives/2006/12/web\\_20\\_compact.html](http://radar.oreilly.com/archives/2006/12/web_20_compact.html) (consultado entre 1 e 15 de Junho de 2007)

ORIHUELA, José Luís (2006) – “*Los weblogs son mi biblioteca y mi laboratorio on-line*”. PRNoticias. Disponível em: [http://www.prnoticias.com/prn/hojas/noticias/detallenoticia.jsp?noticia=17780&repositorio=0&pagina=1&idapr=1\\_\\_esp\\_1\\_\\_](http://www.prnoticias.com/prn/hojas/noticias/detallenoticia.jsp?noticia=17780&repositorio=0&pagina=1&idapr=1__esp_1__) (Consultado entre 23 e 29 de Junho de 2007)

ROCHA, Isabel (org.) (2004) – *Comunicação Social*. Porto: Porto Editora.

ROSEN, Jay (2004) - *Brain Food for BloggerCon*. Press Think. Disponível em: [http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/04/16/con\\_prelude.html](http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/04/16/con_prelude.html) (consultado entre 23 e 29 de Junho de 2007)

ROSEN, Jay (2005) - *Bloggers vs. Journalists is Over*. Press Think. Disponível em: [http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/01/21/berk\\_essy.html](http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2005/01/21/berk_essy.html) (consultado entre 21 e 29 de Junho de 2007)

SALOMÃO, Mozahir (2007) – *Entrevista a Nelson Traquina: Jornalistas não ligam para a teoria*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=433DAC001> (consultado entre 18 e 28 de Junho 2007)

- SANTOS, Luís (2004) – *A explosão dos weblogs em Portugal: percepções sobre os efeitos no jornalismo*. Actas do II Congresso Ibérico de Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã (21 a 24 de Abril de 2004).
- SEMEDO, Juliana (200) – *Desfocado...*. Estrela Torta. Disponível em: <http://estrelatorta.blogspot.com/search/label/cibercultura%20internet%20cr%C3%ADtica> (consultado entre 10 e 22 de Junho de 2007)
- SERRANO, Estrela (2002) – *A Voz dos Ouvidores*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/voz010520027.htm> (consultado entre 18 e 28 de Junho de 2007)
- SIMÃO, João (2006) - *Relação entre os Blogs e Webjornalismo*. Actas do III Encontro de Weblogs e I Encontro Luso-Galaico (12 de Maio 2006)
- TEIXEIRA, Joana (2007) - *25 de Abril: 33 anos de jornalismo livre*. Jornalismo Porto Net. Disponível em: [http://jpn.icicom.up.pt/2007/04/25/25\\_de\\_abril\\_33\\_anos\\_de\\_jornalismo\\_livre.html](http://jpn.icicom.up.pt/2007/04/25/25_de_abril_33_anos_de_jornalismo_livre.html) (consultado entre 18 e 28 de Junho de 2007)
- UOL (2007) - *Cronicamente Viável: Para Márion Strecker a Internet tem obrigação de dar a informação rapidamente*. UOL. <http://diversao.uol.com.br/ultnot/2007/04/17/ult4326u128.jhtm> (consultado entre 18 e 28 de Junho de 2007).
- WIKIPEDIA (2006) – *WEB 2.0*. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Web\\_2#\\_note-1](http://en.wikipedia.org/wiki/Web_2#_note-1) (consultado entre 1 e 15 de Junho de 2007)
- WIKIPEDIA (2007) – *Spam*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Spam> (consultado em 27 de Junho de 2007)